



## **GALO E RALF: vida cotidiana e resistências em diálogos com Ricardo Antunes**

Entrevista realizada pela/o Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Mazzei Nogueira (Unifesp) e Prof. Dr. Caio Antunes (UFG), em 24 de janeiro de 2022.<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865.v27n2.2023.44>

*Esta entrevista foi realizada com dois expressivos representantes dos entregadores: Galo (São Paulo) e Ralf (Rio de Janeiro), em um momento crucial da luta dos/as trabalhadores e trabalhadoras, uma vez que as grandes plataformas digitais vêm burlando sistematicamente a legislação social protetora do trabalho, através do artifício de se apresentarem como “empresas de tecnologia”, “prestadoras de serviços de intermediação”.*

*O objetivo central da entrevista foi múltiplo: por um lado, reconstituir as suas respectivas experiências cotidianas no trabalho uberizado; por outro, indagar como se desenvolveram os diálogos com Ricardo Antunes, na luta por melhores condições de trabalho, especialmente durante a pandemia.*

*Dado o importante e delicado momento histórico que atravessa a militância dos entregadores e entregadoras por direitos, por dignidade, por “uma vida dotada de sentido dentro e fora do trabalho”, ganha a força de um verdadeiro testemunho.*

*Como dizem os entregadores: A luta é todo dia! A luta é agora!*

**Claudia:** Boa noite Galo, boa noite Ralf.

**Galo:** Boa noite.

**Ralf:** Boa noite.

**Claudia:** Quero começar agradecendo o aceite. Para mim é uma honra poder estar aqui dividindo esse momento com vocês.

**Caio:** Gostaríamos que se apresentassem e nos contassem como resolveram optar pelo trabalho uberizado.

**Ralf:** Meu nome é Ralf Alexandre, sou do Rio de Janeiro, tenho 41 anos. Sou motoboy, fazia ali meus corres e conseguia uma renda extra, porque eu tinha outros trabalhos. De 15 em 15 dias eu trabalhava nos aplicativos desde 2018. Depois que a pandemia chegou, os valores caíram demais, e como eu fiquei trabalhando em feira por mais de dez anos, eu já vinha de uma luta na feira contra os fiscais,

---

<sup>1</sup> Essa entrevista se insere no contexto que levou à recente publicação do livro *Ricardo Antunes: Para Além do Mundo do Trabalho*, Ed. Papel Social, 2023. Dada a atual situação da luta dos entregadores pelo reconhecimento de suas reais condições de Trabalho, bem como pela sua riqueza documental, optou-se pela sua publicação em separado, de modo que seu acesso possa ser o mais amplo possível.

que cobravam dinheiro para deixar a gente trabalhar, lutava contra o rapa, contra os prefeitos corruptos que iam lá falar: “se votarem em mim, a gente não prende DVD, não prende pirataria”. Eu já batia de frente com esses caras. Então, quando fui ser motoboy, quando começou a cair muito os valores na pandemia, a liberar muitos cadastros para poder colocar a galera para brigar entre si, eu comecei a abrir a visão de que eu tinha que começar a questionar. Comecei a questionar, seguindo mais diretamente pelo meu canal. Eu meti uma greve aqui no Rio de Janeiro junto com a galera daqui. A gente fechou todos os galpões da Loggi do Rio de Janeiro durante dois dias. Nisso, 50 pessoas foram bloqueadas e a gente conheceu o pessoal de Brasília. A gente ia fazer uma greve nacional da Loggi, aí deram a ideia de ser a greve nacional dos aplicativos. Fomos correndo atrás de nomes e virou o Breque dos Apps. Hoje em dia eu ajudo o movimento Breque dos Apps no que eu posso. Não me considero liderança de nada. Sou mais um Motoboy que busca melhorias para que eu possa voltar para a renda extra ganhando o possível, o adequado. Lutar contra esses gigantes aí que vieram para precarizar e ferrar com toda a nação brasileira.

**Claudia e Caio:** E como você se tornou um trabalhador uberizado?

**Ralf:** Aproximadamente em 2015, eu comecei a perder alguns pequenos comércios que eu tinha no Rio de Janeiro. Eu fazia as minhas próprias entregas de uma loja que eu tinha aqui perto. As vendas foram caindo e caindo, mudou de governo, e aí eu comecei a pesquisar como ganhar dinheiro online. Fiz várias pesquisas. Uns mandavam fazer pesquisas para ganhar dinheiro. Aí eu vi o Ifood. Eu não me ligava muito em relação de aplicativo. Aí perguntei ao meu irmão se tinha alguma forma de eu usar a moto, e ele me falou da Loggi. Lembro que na época ele falou: “na Loggi os caras tiram 10 mil por mês”. Eu não podia trabalhar o mês inteiro, mas tava perdendo muito dinheiro, perdendo comércio e ficando cada vez mais sem ter para onde ir... eu trabalhava em feira no sábado e no domingo, e as vendas diminuindo, porque logo quando a Dilma foi eleita pela segunda vez, teve uma fase muito ruim – pelo menos para mim – e aqui no Rio de Janeiro muitos comércios fecharam. Aí comecei a ver que a coisa ficou feia e fiz o cadastro na Loggi. Só que a minha moto era meio velha, aí eu comprei uma moto, me endividei mais ainda, coloquei placa vermelha e tive que fazer o curso de moto-frete. Porque eu pensava assim: “eu quero ser profissional, eu não quero ser um entregador de lanche, não quero ser um motoboy”. Eu segui tudo para ser profissional como motoboy. Não tinha EAR<sup>1</sup> na carteira, fui lá e coloquei. E fiz o cadastro na Loggi. No Ifood passou primeiro, mas eu não fui. Aí passou na Loggi e eu comecei a ir. Confesso que eu não conseguia perceber a precarização antes da pandemia. Porque a Loggi faz um serviço muito parecido com o dos correios. Eu não gostava de fazer Ifood, achava que era um valor muito baixo, mas na Loggi eu conseguia fazer um bom dinheiro por semana. Eu até gostava daquilo, me ajudou. Antes da pandemia eu fazia de 1 mil e 200 a 1 mil e 500 por semana,

sem trabalhar no domingo, ou as vezes trabalhando no domingo. Eu não trabalhava por muito tempo, era o máximo de sete a oito horas, e a quilometragem percorrida era baixa. Eu fazia 1 mil e 200 reais rodando 500 quilômetros. Assim que começou a pandemia, a Loggi era meu principal aplicativo. Uma rota de dez pacotes para a Tijuca que a Loggi pagava 110, 120 reais rodando uns 30 quilômetros, essa rota de dez pacotes passou para 40 pacotes, rodando de 30 a 50 quilômetros e pagando 50 reais. E a galera negando. E o que a Loggi fez, que resultou nas greves? Ela soltou todos os cadastros de espera e de carro também. Na Loggi, para passar um cadastro de carro demorava seis meses, um ano. E aí se o cara fazia o cadastro do carro hoje, amanhã de manhã já estava liberado. A Loggi começou a soltar todo mundo, como os outros aplicativos também fizeram. A ideia de que o aplicativo liberou todo mundo porque ele é bonzinho, para mostrar para a população que está gerando emprego, é falsa. O aplicativo se aproveitou da pandemia para liberar o cadastro de todo mundo para poder diminuir os valores, gerar concorrência e a galera cair em briga. Tanto é que todos os aplicativos, da pandemia para cá, sempre diminuíram os valores, até antes da pandemia. Até a Loggi já diminuiu do que ela começou. Mas, depois que a pandemia se instaurou no Brasil, todos os aplicativos diminuíram muito os valores. Tanto é que a Uber está fechando com 3,75 na entrada mínima; no Ifood, antes da pandemia a entrega mínima era de seis e pouco, e agora está 5,31. Todo mundo diminuindo. E eu fiz uma pergunta muito legal para o Ricardo Antunes na live, o Galo estava lá. Eu falei: “professor, está acabando a pandemia”, parecia que estava acabando, não tinha essa ômicron, já estava começando o papo de vacina, “o pessoal vai voltar para os seus postos de trabalho. Qual a tendência dos aplicativos? Eu acredito que seja melhorar. Vai melhorar?”. Perguntei para o professor Ricardo Antunes e ele falou: “a tendência é piorar. E vai piorar muito, ainda mais esse ano”. Deu para complementar?

**Galo:** Meu nome é Paulo Roberto da Silva Lima, mais conhecido como Galo. Eu trabalho como motoboy desde 2012. De 2012 a 2015 eu trabalhei como motoboy de carteira registrada. Já era precarizado, porque eu trabalhava para uma empresa terceirizada, então já tinha certas situações ali que levavam à precariedade. Mas não era como é hoje, não era a precariedade total que é hoje. De 2012 a 2015 eu sofri dois acidentes que quase custaram a minha vida, e eu decidi sair. Porque na época, na linguagem popular, eu não tinha um passarinho para me dar água... Saí. Fui trabalhar como camelô, como repositor de mercado, servente de pedreiro, trabalhei como técnico de telecom... fui fazer um monte de coisa. E em 2017 minha filha nasceu e eu já não podia ter tanta insegurança. Eu fui mandado embora desse trabalho de Telecom, e na época eu ainda tentei pegar o dinheiro da rescisão e investir em alguma coisa. Tentei ser um empreendedor de verdade. Tentei colocar o dinheiro em alguma coisa, pensei em vender churrasquinho na rua, tentei fazer um monte de coisas. E aí você se

toca de que o empreendedorismo não tem nada a ver com sobrevivência. Sobrevivência é uma coisa e empreendedorismo é outra. A maior parte da minha vida eu trabalhei com transporte: ou eu era motorista de alguém, ou era motoboy, ou era motorista de uma família, ou era manobrista, ou era o cara que fazia o trabalho de técnico de Telecom, mas eu mais dirigia um carro para chegar até o cliente do que fazia o serviço. Eu demorava duas, três horas para fazer o serviço e demorava cinco horas para chegar no final do interior de São Paulo para fazer o serviço. Então, era isso que eu tinha de experiência. Tentei segurar a onda nessa ideia de querer sobreviver até 2019. Aí a coisa começou a bater muito na minha porta, as urgências, e eu precisava de uma situação garantida para a minha filha, para a minha família. Aí eu pedi a ajuda do meu pai. Na época eu não tinha o nome limpo e pedi o nome do meu pai emprestado para poder parcelar a moto. Tirei essa moto parcelada e comprei um Amarelinho. Aqui em São Paulo tem o Jornal Amarelinho, pra ir atrás de emprego, mas aí não tinha: eu ligava para o pessoal e não tinha vaga de motoboy. Tentei encontrar um emprego de motoboy e não achava, aí fui para o aplicativo. Nos primeiros meses eu já descobri que os aplicativos eram uma roubada, mas eu não tinha como voltar atrás, porque eu tinha minha família, tinha minha filha, e a moto que eu tinha parcelado. Então, não tinha essa mobilidade toda de voltar atrás. Não tinha como, eu precisava enfrentar aquilo ali. Continuei trabalhando e passei por várias situações dentro do aplicativo: desde cliente que me colocou para entregar droga sem que eu soubesse, até as dificuldades básicas, como lugar para fazer as necessidades físicas. Aí você ainda arruma problema com gente na rua, porque você precisa fazer suas necessidades e muitas vezes tem que encontrar um canto da cidade que ninguém está vendo, parar e fazer. Muitas vezes vai passar uma viatura e vai ter problema. Essas coisas do dia a dia do motoboy. E no dia 21 de março de 2020 a Uber me bloqueou pela terceira vez. O pneu da minha moto tinha furado e eu tinha informado a Uber que o pneu tinha furado e que eu não conseguiria fazer a entrega, e se ela poderia deslocar outro motoboy para entregar no meu lugar. Ela disse que não tinha motoboy perto, e já era tarde. E ela me garantiu que não me bloquearia se eu cancelasse o pedido. Ela me pediu para cancelar. Mas eu sabia que se eu cancelasse eu teria problemas: ou entraria uma dívida, ou eu seria bloqueado. Porque você não pode cancelar o pedido. Quem tem que fazer isso é o atendente de telemarketing. Eu acho que ela não quis se comprometer, e eu também já estava muito cansado, já era meia noite e eu estava na rua. Aí eu falei: “beleza, vou cancelar”. Cancelei e fui embora. No outro dia fui trabalhar e eu estava bloqueado no aplicativo. Eu lembro dessa data porque dia 21 de março é meu aniversário. Eu fui bloqueado no dia do meu aniversário. Eu estava bloqueado e decidi que eu não ia mais lá no hub da Uber para pedir meu emprego de volta – porque era assim que eu fazia. Uma vez eu fui bloqueado porque o cliente disse que não tinha recebido o pedido, quando ele recebeu o pedido. E na outra vez eu tinha sido bloqueado pela mesma situação, mas de uma forma um pouco diferente. Era uma compra e ficou

faltando alguns itens. Aí falaram que eu peguei e tal, aquela confusão que o robô que atende não sabe entender o que está acontecendo. Nessa terceira vez de bloqueio injusto eu decidi que ia fazer uma denúncia. Fui para a porta do Globo para tentar fazer essa denúncia, e ninguém me ouviu. Na época eu tinha um Instagram com 300, 400 seguidores e pedi ajuda. Uma amiga me passou dois contatos: um era do The Intercept e o outro era dos Jornalistas Livres. Eu passei tudo o que estava acontecendo, aí o The Intercept fez uma matéria e o Jornalistas Livres fez outra. Nessa época no vídeo que viralizou eu falava: “você sabe como é difícil carregar comida nas costas de barriga vazia?”. Essa frase tinha um tom assistencialista. Então aproximou muito o partido do centrão. Aproximou muita gente oportunista, porque acreditavam que eu estava em um tom assistencialista, mas eu não estava. Eu estava em uma ideia de revolta, mas sou assistencialista: “olha, precisamos de ajuda”. Nessa época apareceram pessoas como o Luciano Huck e esse pessoal, querendo fazer as coisas que eles fazem, que é fingir que ajudam pobre. A partir daí eu tentei acessar os motoboys aqui em São Paulo, mas sempre tive uma negativa. Esse vídeo deu uma viralizada, e o que eu ouvia dos motoboys era que eu estava humilhando os caras, que eles não queriam dinheiro, não queriam comida – porque eu fiz um abaixo assinado que pedia álcool em gel e máscara, porque estava bem no começo da quarentena e eles não estavam dando isso. Pedi álcool em gel, máscara e alimentação. Eu achava a alimentação importante por dois motivos: primeiro porque era uma coisa que fazia falta para mim, eu me alimentava muito mal na rua. E como é um aplicativo de delivery, eu achava que seria justo o entregador ter acesso à alimentação. E também porque eu acreditava que a pauta da alimentação ia conseguir mobilizar as pessoas que não eram entregadoras. Porque a frase que viralizou era: “você sabe como é difícil carregar comida nas costas de barriga vazia?” Eu acreditava que essa frase ia conseguir comover e mobilizar pessoas que não eram entregadoras para dentro do movimento dos entregadores – que na época, como o Ralf disse, eles estavam fazendo a experiência deles no Rio, outros em São Paulo, outros na Bahia, e isso foi se montando como um quebra-cabeça. Mais para frente eu fiz outro vídeo em que falo que somos força de trabalho, que não somos empreendedores, e foi aí que a coisa de fato caminhou para um ritmo de luta mais avançado. Porque até então essa frase: “você sabe como é difícil carregar comida nas costas de barriga vazia?” meio que emperrou. Apareceu muita gente que eu não concordava com a filosofia. Mais diretamente falando, apareceu muita gente com ideias liberais, de ajudar em um tom liberal. De que o aplicativo é bom, mas tem umas falhas. Sabe esse papo de que o problema do capitalismo é a desigualdade? “O problema do capitalismo é a grande desigualdade”. O problema do capitalismo é o capitalismo inteiro, e eu já tinha essa consciência. E admito que ela evoluiu muito nesses últimos dois anos. Era uma consciência muito superficial, e eu fui me aprofundando mais nesses últimos dois anos. Acho que é isso. Para dar um resumo em tudo que eu falei, o que me levou aos aplicativos foi o encurralamento

que foi acontecendo. Não tinha emprego. Porque primeiro eu fui atrás de emprego, porque sou dessa época do emprego de motoboy e tal. E fui no que tinha. Acabei aceitando o que tinha e fiquei sem escolha. Para resumir o que eu falei, o que me levou a isso foi o processo de encerramento.

**Claudia:** Como que vocês se organizaram na pandemia? Por exemplo, o Ralf falou do breque. Ocorreu outro movimento aqui em São Paulo?

**Galo:** Eu já percebia antes da pandemia que a situação era ruim, precária. Mas sofria calado, porque não tinha para onde gritar. Essa é a verdade, não tinha um canal por onde gritar. Esse momento que teve foi o primeiro momento que eu passei perto de... porque eu falei que fui colocado para entregar droga. Quando descobri que era droga eu filmei a cara do cliente, tive uma briga intensa com ele ali de uns 20, 25 minutos, filmando e discutindo com ele sobre o que ele tinha feito e tal. E eu tentei veicular isso. Isso é louco, eu não tinha noção da existência das mídias alternativas. Eu não tinha noção de que era uma coisa mais acessível. Para mim, se você queria fazer uma denúncia, teria que fazer por esses canais como a Globo, essa coisa popular que chega até você. Esses veículos de canais mais alternativos não chegavam a mim, como Mídia Ninja, Jornalistas Livres e The Intercept, esse pessoal que é mais acessível. Acessível, assim, não é... Dá para entender? E eu não tinha por onde andar. Aí, veja bem, o trabalhador entra no piloto automático. Ele vai sofrendo e sofrendo, e o que faz o trabalhador voltar para a rua no outro dia é o sorriso do filho e as responsabilidades que ele tem com a família. Isso é muito louco. Hoje eu estava lendo o livro da Carolina Maria de Jesus, e é muito louco como ela vai sofrendo, sofrendo e sofrendo, e o que segura a onda dela são os filhos. Ela fala assim: “tomei uma cerveja hoje. Tinha vontade de tomar uma cerveja amanhã, mas eu não posso. Tenho filho. O cara que é embriagado, alcoólatra, não consegue comprar roupa para os filhos”. Ela fala bem simples assim: “preciso comprar roupa para os meus filhos”. Então, o que segurou minha onda foi a minha família, minha filha, minha esposa. Dava vontade de explodir, tipo homem bomba. Eu falo que uma das coisas que mais afeta os motoboys são as doenças psíquicas. Tanto que o apelido do motoboy, aí no Rio, deve ser a mesma coisa: é cachorro-louco. Porque é muito louco. Você sai de casa com a sua esposa brigando com você, falando: “você é um bosta, você nem consegue colocar comida dentro de casa”. Aí você sobe na moto, está a 80 por hora, e a sua cabeça também, ou sua cabeça tá ainda mais rápida do que a moto. Aí você vai atender o cliente e ele te desfaz. Uma hora sua cabeça vai para o saco... você entra no modo automático para se proteger, começa a fazer as coisas automatizado e fala: “é essa a vida que tem. É esse inferno que tem para viver, vamos lá, é assim”. E aí você naturaliza o inferno e fala: “é isso, não é inferno, é trabalho. Para de ser chorão. Faz sua cota e fica de boa”. Quando comecei a ter caminhos para poder falar, eu comecei a ir para cima. Me deram atenção. Um jornal aqui, outro ali... foi aos pouquinhos, gradativamente. Primeiro foi o The

Intercept, depois o Jornalistas Livres, depois a Record, depois a Revista Exame – e aí eu fui bloqueado por todos os aplicativos de vez, quando saí na Revista Exame. Quando fui bloqueado em todos os aplicativos eu falei: “já era. Agora eu preciso ir à fundo nessa luta. É o que tem, não dá mais para correr”. E aí eu ia atrás dos motoboys e recebia esse negativa. Por quê? Porque o perfil que eu tinha – e tenho – naquela época era muito áspero. Hoje deixou de ser tão áspero, mas naquela época era muito áspero, muito agressivo. Tanto que hoje eu tenho noção. Hoje eu me organizo com entregadores e eles são antifascistas, só que eles não gostam da palavra “antifascista”, por exemplo. Essa palavra gera um ranço na pessoa, porque ela associa com política, associa com a esquerda e a situações que ele não se enxerga dentro. Mas ele é antifascista. Eu vi entregador que não gostava do movimento dos entregadores antifascistas bater de frente com a polícia dentro de greve. Ou seja, ele não gostava da palavra, mas estava tendo uma prática antifascista. Então eu fui aprendendo. Nessa época que eu ia muito atrás dos motoboys e recebia negativas. Isso está tudo documentado. Na época o Jornalistas Livres me deu a oportunidade de criar um canal, um programa chamado Diário de Motoboy. Eu fiz uns oito diários de motoboy para o Jornalistas Livres, em que eu saía para a rua e dialogava com as pessoas, fazia entrega e ia documentando aquilo. E era muito louco, porque ninguém queria trocar ideia comigo. As pessoas queriam trocar ideia por trás das câmeras, mas nas câmeras não, porque tinham medo de serem bloqueados. Bloqueio no aplicativo é uma coisa muito assim: pronto, está bloqueado. Não tem o que reclamar, não tem choro, não tem vela, não tem querer. Então eu compreendi. Eu tinha um propósito e eu tinha um canal para veicular, mas aquele propósito não chegava tanto nos entregadores com quem eu estava dialogando. Essa palavra é muito louca, “entregador”. Porque eu falava “motoboy”. Foi quando eu me liguei que o barato tinha mudado, que eu já não era motoboy, que os manos já não era motoboy, que a gente era entregador. Porque motoboy é uma situação, entregador é outra situação. Aí eu me pensei: “quer saber, acho que se eu for nas bicicletas terei mais efetividade. Porque é impossível que o cara da bicicleta esteja se sentindo empreendedor. Se estiver, aí acabou, não tenho para onde correr. Vou ter que ir lá”. Aí fui dialogar com esses entregadores de bicicleta em uma manifestação que teve dois dias antes do ato antifascista e antirracista por causa da morte do George Floyd – teve um ato gigante no Largo da Batata. Eu conversei com esses entregadores. Nesse dia a gente ia tomar um coro na Paulista, porque eram uns 20 entregadores de bike, e tinha o dobro de policiais. Os policiais já estavam cercando para poder fazer maldade. Eu consegui convencer o pessoal a desfazer a greve ali, porque a greve não estava funcionando, não ia ter efetividade. A única coisa que ia dar ali era porrada na gente. Convenci parte daqueles entregadores a irem no ato antifascista e antirracista para percebermos como era um ato grande para a partir dali organizar um ato nosso da mesma proporção. E aconteceu. Dois dias depois esses entregadores foram lá e jornalistas e entregadores que estavam lá me

perguntaram como era o nome do movimento. Confesso que antifascismo, para mim, era ser antifascista mesmo na prática, não era um movimento que tinha a bandeira do comunismo ou do anarquismo. Então, quando me perguntaram o nome do movimento eu li o nome da placa: “entregadores antifascistas”, e pegou. E hoje eu sei por que pegou, e hoje eu tomo cuidado com essas armadilhas. Pegou e eu não tinha mais como voltar atrás. Porque os entregadores antifascistas atraíram um tipo de entregador que eu nem sabia que existia. Quando fui ver, tinha gente chegando e falando: “eu moro no Rio de Janeiro, estudo arquitetura e trabalho de entregador nas horas vagas”, “Moro em Pernambuco, estudo direito e trabalho como entregador”. Atraiu entregadores acadêmicos. O mais burro, mais leigo dos entregadores antifascistas era eu. Quando eu vi os entregadores comunistas brigando com os anarquistas, comecei a me perder ali dentro. Porque eu tinha muito mais vontade de me organizar coletivamente do que sabia me organizar coletivamente. Eu nunca tive essa experiência. A minha experiência de organização coletiva é o movimento hip-hop, que não funciona como um grêmio estudantil, um partido político ou um sindicato. Ele tem uma forma de organização mais caótica. Então, a coisa foi seguindo e eu fui aprendendo. A partir daí, fomos nos organizando como esses entregadores. E a maior dificuldade dos entregadores antifascistas é que não tinha entregador que parecia comigo. E eu estava atrás de entregadores que pareciam comigo, entregadores que tinham filho para criar, conta para pagar, aluguel, e que estava revoltado. Por exemplo, quando eu falava para os entregadores: “temos que lutar pelos direitos trabalhistas”, os anarquistas falavam: “não, nós temos que lutar por uma cooperativa”, e os comunistas: “não, nós temos que lutar pela revolução”. E eu falava: “caralho, e o motoboy?”. Eu ficava pensando em coisa de motoboy. Precisa ter coisa de entregador, coisa da nossa vida. Então, virou aquela coisa. Ao mesmo tempo que aquele ambiente formou vários entregadores, porque teve entregador que chegou chucro, como eu, e saiu do movimento politizado, muito mais intelectualizado, porque estava lidando com um monte de gente e teve que aprender aquelas ideias na raça, como eu. As pessoas falavam: “Galo, a gente não pode virar pelego”. Eu não sabia nem o que era pelego. Eu tinha que ir lá procurar no dicionário. Comunismo, anarquismo, eu fui entendendo essas coisas na prática. Luta de classe, eu nunca tinha parado para pensar nessas ideias. Essas palavras novas, como uberização... Eu sabia onde doía, mas não sabia o nome da dor. Por exemplo, eu sabia que doía no joelho, mas não sabia que o nome era artrite, artrose. Aí os nomes começaram a vir: uberização, precarização do trabalho, comunismo, anarquismo, socialismo, antifascismo e tal, e eu comecei a ir atrás, no meio do fogo. E o movimento que organizei foi nessa situação. Quando criamos os entregadores antifascistas, pouco mais à frente surgiu o primeiro breque, que foi em primeiro de julho. E aí tinha um grupo de motoboy no WhatsApp com 300 motoboys na época. Eu entrei ali e comecei a dialogar com o pessoal. E é



muito louco isso, acho que essa é a fase mais importante para mim, porque entendi o que estava acontecendo.

**Claudia:** Foi em primeiro de julho de 2021?

**Galo:** Primeiro de julho de 2020, o primeiro breque. Eu pude conversar com o seu Roque, que foi liderança importante das greves de metalúrgicos de 1968, em Osasco. Eu tive essa troca com ele, e ele falou: “como estão as coisas hoje? Como que funciona a divulgação de uma greve?”. Eu perguntei: “como era na sua época?” E ele falou: “na minha época era mais difícil divulgar a greve do que fazer a greve. A gente passava noites e madrugadas no mimeógrafo rolando panfleto, aí tinha que entregar, e depois que a greve vinha a acontecer”. Aí eu falei que hoje dez motoboys se juntam em uma esquina e falam que a coisa está ruim, eles criam um grupo de WhatsApp, entram mais dez, e mais dez, eles fazem um card que entra no grupo e sai viralizando por vários outros. Não precisa mais de tudo isso. Mas você tem outras dificuldades de organização. Por exemplo, naquela época tinha entregador que falava: “o Galo é um ator contratado pelo The Intercept para introduzir o comunismo nas motos”. Teve um grupo de antifascistas – quando digo “antifascistas”, são os meninos jovens que tacam pedra na vidraça no banco – que foram na CNN, encapuzados, e falaram que tinha que ser violento mesmo. Daí falaram: “o Galo é um dos encapuzados da CNN”. Começaram essas fake news. “O Galo é do PT, é do PSOL, o Galo é político, o Galo é não sei o quê”. Aí começou: “o Galo vai se candidatar a vereador e está usando o movimento como caminho para se eleger”. Começaram essas fake news. Aí o seu Roque, falou: “mil vezes o mimeógrafo, não é?”, eu falei: “eu também queria um mimeógrafo”. Eu queria um mimeógrafo, para evitar esses problemas. Porque foi problema para caramba. Eu lembro que teve uma reportagem do DCM: “Luciano Huck entra em contato com Galo depois da greve”. E era mentira. O Luciano Huck tinha entrado em contato comigo lá atrás, na época do “comida nas costas e barriga vazia”. Aí os entregadores só leram o título e falaram: “o Galo já está nos vendendo para o Luciano Huck”. Então eu tinha que lidar com essas coisas. Hoje tá bem menos. Tanto que hoje tem muito entregador que na época não gostava de mim, não queria me ver nem pintado de ouro, e hoje veio e entendeu. A própria pessoa entendeu e falou: “aquilo não fez sentido”. Tem entregador da Bahia que fez isso, do Distrito Federal, entregadores espalhados pelo Brasil inteiro fizeram isso, que entenderam a situação. Então, essa época de organização foi a parte de mais estudo para mim, de entender o que estava acontecendo naquela situação. Então eu criei o movimento dos entregadores antifascistas e não sabia o que era. Eu era muito mais parecido com os entregadores que não gostavam de mim do que com as pessoas que gostavam de mim. Isso começou a virar um negócio caótico na minha cabeça, porque eu fazia uma live com 300 pessoas assistindo e todo mundo: “Galo, você é foda”. Um pessoal de classe média, classe média alta, da esquerda mais privilegiada. E os motoboys, os entregadores, os comedores de filé de fígado como eu, os preocupados com os filhos

não gostavam de mim. Aí eu falava: “o que está acontecendo? Isso está errado”. Aí eu fui estudando e entendendo, e entendi que é um processo de paciência. Você planta e tem que ter a paciência de esperar crescer, vai regando... e no meio do caminho vai aparecer gente querendo coisa. Dentro dos entregadores antifascistas também gerou um monte de problema. Por exemplo, o Ralf é do Rio. Os entregadores do Rio de Janeiro perderam as estribeiras da situação. Porque a maioria dos entregadores antifascistas do Rio é anarquista, então para eles se o Galo estava fazendo uma live com o Boulos, “o Galo está indo para um caminho que eu não gosto”. Se o Galo estava fazendo uma live com o Marcelo Freixo, “o Galo está indo por um caminho...”, aí começou a gerar esses problemas, que eu nem sabia que era um problema. Eu sabia que, por exemplo, muitos entregadores não iam gostar se eu fizesse uma live com o Boulos, mas eu sabia que eu precisava fazer, porque tinham situações estratégicas ali a serem feitas. Mas, tudo bem. Eu não sabia que dentro do movimento isso ia gerar ruído, e gerou. Falaram: “o Galo já começou a nos vender para os partidos. A gente não gosta de partido. Somos uma coisa autônoma”. Ou seja, a minha experiência com organização foi essa, caótica. Ela se mistura com o breque, com os entregadores antifascistas e com outras greves que surgiram no entorno. E ela se mistura com outras formas de organização que surgiram como, por exemplo, cooperativas de mulheres: tem a Insubmissas; também tem uma cooperativa que anda lado a lado com os entregadores antifascistas que é só de mulheres, que é mais de bike. Ou seja, outras organizações... Até mesmo tive o privilégio de poder conversar com entregadores de outros lugares do país. Acho que essa fase também foi muito boa por causa disso. Conversamos com entregadores da Argentina, do Uruguai, do Chile, do Camboja, do Japão, da Inglaterra, dos Estados Unidos e de outros movimentos. Nós dialogamos muito com a ATR<sup>2</sup>, que é Argentina, e tem em outros países da América Latina também. Ou seja, essa primeira experiência de organização foi caótica, mas também foi rica para muita coisa. Hoje estamos em outra fase, que é tentar misturar o sindicalismo com o cooperativismo e tirar uma coisa nova, e prosseguir a partir disso.

**Ralf:** Acho que o seu vídeo para a Folha, a galera gostou muito e mudou um pouco a visão do Galo que começou o movimento antifascista.<sup>3</sup>

**Galo:** A Folha já é um veículo mais fora da bolha. Eu já falava aquelas coisas ali, mas dentro de uma bolha. Eu falava aquilo no Mídia Ninja, no The Intercept, no Jornalistas Livres, no 247. Quando falei aquilo fora da bolha aí eu acho que foi. Mas era a mesma ideia, era o mesmo Galo. Tanto que nessa época eu estava sendo acusado de ser repetitivo. Aquela história dos peixes, que foi o que mais ficou, eu já tinha contado mil vezes.

**Ralf:** Eu já tinha escutado em outra live sua. Mas a galera para quem eu joguei o vídeo elogiou muito a sua postura. Além de eu ter visto os valores diminuindo, mesmo assim eu tentava ir trabalhar. Eu

trabalhava uma semana sim e uma semana não. Eu fiquei uma semana sem ir e falei: “vou tentar”. Aí enviaram em um grupo do WhatsApp da Loggi que eu participava o vídeo. Eu assisti esse vídeo. O começo ali falando de dupla sertaneja, eu falei: “o que isso tem a ver com motoboy?”, e demorava... Aí depois chegou a parte de abrir a mente. No mesmo dia em que vi o vídeo eu falei para a minha mulher: “não vou mais trabalhar como motoboy”. Mostrei o vídeo e ela não entendeu nada. Mesmo assim eu fui trabalhar. Quando eu fui para a greve eu estava fazendo da seguinte forma: para que eu não fosse trabalhar, quando me dava vontade eu colocava no vídeo do delivery, aí eu perdia a vontade e ficava em casa. No outro dia: “acho que vou hoje”, aí via um pedaço do vídeo, a parte em que eu tinha parado, que me fez não ir. E não ia. Aí eu estava em casa e os caras: “na Loggi não dá mais. Dá para você vir aqui em Cordovil? Vamos tentar fazer uma greve”. Eu fui, me juntei com os caras e fizemos a greve. Eu quis deixar essa parte do vídeo porque até hoje eu tento compartilhar esse vídeo para ver se abre a mente de algumas pessoas. Depois teve o outro, do gorjetismo eu acho. Eu até ajudei na construção, conversei direto com o pessoal de lá. A gente colocou algumas informações do breque. O primeiro breque foi no dia primeiro de julho de 2020; o segundo foi no dia 25 ou 27 do mesmo mês; e o terceiro foi no dia 15 de setembro, que foi em Brasília. Tudo em 2020. E teve o quarto breque, que foi o 11 de setembro do ano passado, 2021. E estão querendo mais um breque no dia primeiro de abril, porque estamos colocando o lfood como pai da mentira. O primeiro de abril combina bem com o lfood.

**Caio:** Como que vocês acabaram conhecendo o Ricardo Antunes e o trabalho dele?

**Galo:** Logo quando os entregadores antifascistas surgiram, e tomou uma proporção midiática fora do controle na época, começou a aparecer muita gente, que não era entregador, para ajudar. Apareceu gente que queria fazer assessoria de imprensa; gente que queria ajudar com as artes; que queria ajudar financeiramente; que queria ajudar com serviços. Por exemplo, apareceu uma moça que era assessora política do Ciro Gomes. E ela dizia que ela podia fazer uma articulação política. E na época eu acreditava muito nisso, que a gente tinha que deixar rastro de vínculo pelo legislativo, o máximo que a gente conseguisse, e depois atacar no judiciário. Eu acreditava muito nisso na época e dialogava muito isso com as pessoas. Esses aplicativos precisavam reconhecer o vínculo. Para mim não tinha outro caminho. A luta era essa, recuperar a carteira de trabalho. E na época a gente pensava muito na imagem: “a gente precisa disputar a imagem que tá no imaginário das pessoas. Precisamos mostrar para as pessoas essa situação, porque é desse jeito que vamos conseguir chegar em políticos”. Porque a gente não queria se envolver diretamente com os políticos. A gente queria pautar a coisa e que os políticos automaticamente se ajustassem dentro daquilo. E funcionou. Por exemplo, esse vídeo que o Ralf falou, o do delivery, já era um vídeo muito influenciado por um corre

dos entregadores antifascistas, da luta e tal. Tem até esse vídeo do, “comida nas costas de barriga vazia” no meio desse vídeo do delivery. Então a gente trabalhava muito com essa ideia: “temos que pautar as coisas. Temos que colocar a cara e pautar”. Porque se a gente pautar, vai chover político. Virá político da esquerda e da direita. A gente acreditava nisso. Está na onda, no momento, e as pessoas vão nisso. E a gente trabalhava ao máximo para criar essas ondas. Aí surgiu a ideia de fazer um canal no Youtube, mas essa ideia não prosperou. Fazer um canal no Youtube com um diálogo entre mim e as pessoas, políticos, artistas e tal. Aí, essa moça que veio para fazer esse trabalho mais político sugeriu o Ricardo Antunes. Ela falou: “já tive um contato com o Ricardo, ele é incrível. Tudo que você fala ele já falava. O Ricardo é um ótimo intelectual da área. Vamos fazer a primeira live com ele?”, eu falei: “demorou. Vamos fazer com o Ricardo”. Aí eu o conheci, nessa primeira conversa que nunca foi para o ar. Então, foi mais para a gente se conhecer, para ter esse primeiro contato. A partir daí acho que eu e o Ricardo cansamos de ver a cara um do outro. Porque todas as lives tinham eu e o Ricardo. Eu até brincava com ele: “Ricardo, não aguenta mais me ver, não é?”, e dávamos risada. Fizemos várias assim. E eu pude ter essa troca nas lives com ele. O professor Ricardo é um intelectual de ótima qualidade. Acho que dispensa comentário. Todo mundo sabe que ele é incrível nos estudos sobre o trabalho e é um cara muito sensato e analítico sobre as coisas que estão acontecendo agora. Não é um cara que fica só preso ao que aconteceu. Ele está atento ao que está acontecendo agora. Porque tem muitos estudiosos que estão presos ao que aconteceu. Você vai conversar com um estudioso marxista, ele está falando sobre umas experiências que não conectam mais com essa realidade. Mas o Ricardo não. Eu gostava das ideias dele porque as experiências dele eram muito conectadas com essa realidade. Por mais que o linguajar mais acadêmico e aquela situação fosse difícil para mim, pelo Ricardo eu consegui pegar muita coisa. Nessa época a gente cansou de fazer live. Se for procurar as lives com o Ricardo, é um monte.

**Ralf:** Eu tenho dúvidas de como eu cheguei até ele. Tenho duas histórias aqui, mas eu não lembro das datas. A primeira: eu conheço o Gibran, que é do PSOL. Ele me chamou para uma live com o professor Ricardo Antunes e com o Ivan Valente, do PSOL. A live foi no canal dele, Travessia, e eu já fiquei encantado com a ideia dele. Eu não conhecia. Mas eu não tenho certeza se foi nesse dia. Eu sempre fiquei encantado com tudo que ele diz. Ou foi no dia em que o Galo também estava, na reunião com o Rodrigo Maia. Lembra, Galo? Com o Rodrigo Maia, que ele colocou os dez pontos. Foi em um dos dois. Mas ainda acho que foi mesmo na live do Gibran. Depois eu participei de outras lives com ele. Depois eu consegui o contato dele não lembro com quem, e o chamei para uma live comigo, com o Galo e com o Gringo, que é outro motoboy de São Paulo. Acho que realmente foi na do Gibran<sup>4</sup>. Porque a do Rodrigo Maia já era no terceiro breque, quando a gente ia para Brasília. Então provavelmente foi na live do Gibran no Travessia. E eu já fiquei encantado com as ideias dele. Até

pesquisei ele um pouco. Ele me deu um livro que comecei a ler, mas não terminei. A linguagem e a escrita são bem difíceis para mim ainda, e às vezes tenho pouco tempo para ler. Mas, acho ele superinteligente. Já consegui levar vários exemplos de luta seguindo o pensando dele.

**Claudia:** Vocês tiveram acesso a algum livro do Ricardo Antunes? Por exemplo: *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*.

**Ralf:** Eu tenho esse.

**Claudia:** Como essa leitura contribuiu para a luta de vocês?

**Ralf:** Eu aprendi mais assistindo as lives, quase não li o livro. Eu li pouco, é uma leitura bem difícil ainda para mim e eu também não tenho muito tempo para leitura. Eu tinha que tirar mais tempo para isso, eu li muito pouco. Mas, o que eu mais coloquei na cabeça foi principalmente quando ele falou que a tendência é piorar.

Depois que ele falou isso é que eu vi que realmente foi piorando e piorando, hoje em dia eu já não luto mais pela melhora. Eu não luto somente pelas melhores taxas. E também peguei que a gente sempre tem que lutar. Não adianta ficar calado, não adianta reclamar com a esposa em casa ou com os amigos na rua. Temos que encher a rua, fazer o transtorno do bem, aquele engarrafamento que o pessoal bate palma. Tem que ir pra a luta, porque se não for na rua, não dá pra conseguir a voz. A voz não chega adiante. E tem que ter muito mais união, porque é o que falta para a nossa classe. Ele sempre falava: luta na rua, conscientização da galera e assim, se a gente realmente conseguisse parar uma galera boa, como no dia primeiro de julho, por uns três ou quatro dias, talvez até melhorasse. Porque eu também tenho a seguinte visão: quando vamos reclamar algo com o aplicativo, é por e-mail. Não tem ninguém para a gente reclamar. A resposta é automática. E a profissão de motoboy antes dos aplicativos era bastante tumultuada realmente, mas o que a galera passou pelos aplicativos, acho que hoje em dia fica mais fácil lutar, por exemplo, contra uma empresa *express*, ou contra um restaurante fixo, ou uma farmácia, porque a gente vai estar vendo a pessoa, vamos estar ali e vai ter como ter algum tipo de resposta. O aplicativo não te responde, e quando te responde geralmente é só para tentar te calar. Por exemplo: em dezembro a gente foi para o fórum do entregador. Eu já estou começando a ter a base de que ali eles queriam segurar a gente para não fazermos greve até março, para fazer outro em março e nos segurar até tal dia, e por aí vai. É assim. Não dá para confiar em aplicativo nenhum. Eu consegui colocar isso na cabeça.

**Galo:** Nessa época eu me cerquei de um pessoal acadêmico, tive esse privilégio. E o professor Ricardo Antunes era referência de todos. Todos os mais acadêmicos que estavam envolvidos nessas coisas do trabalho, ou por um sindicato, ou por um partido político, ou porque estudava, ou porque viu

uma live X aqui e uma Y ali e decidi se aprofundar mais no tema, acabaram se encontrando com os estudos do professor Ricardo. Então, era uma coisa que já estava no meu horizonte, porque era referência de muita gente. Em algum momento eu teria que estudá-lo. Confesso que até hoje não li nenhum livro do professor Ricardo, nem o *Privilégio da Servidão*, nem o (...). Mas, o pessoal falava muito bem de *O Privilégio da Servidão*, principalmente o Hugo, um amigo meu. Ele é do Rio de Janeiro, é advogado trabalhista e presta serviços para um sindicato – se não me engano é o sindicato dos correios. E ele falava muito de *O Privilégio da Servidão*, até que um dia eu fiz uma live com o professor Ricardo e ele me mandou esse livro. Ele está aqui até hoje como uma das prioridades para eu ler. Eu sou como o Ralf: nesse tempo todo eu não li nenhum livro do professor Ricardo, e nem livro nenhum. Estou tentando encontrar situações para conseguir ler, porque é difícil. Minha vida já era difícil quando eu só precisava trabalhar e alimentar minha família. Daí virou uma maluquice: eu precisava trabalhar, alimentar minha família, dar conta da luta e organizar o movimento. Agora que não sobra tempo para ler mesmo. Agora que eu criei um apoio coletivo para tentar sobreviver a partir da luta, conseguir ampliar a luta e conseguir estudar também, porque está me faltando. Começou a me faltar cartucho, essa é a verdade. Já bateu na porta que não pode ser só no instinto. Eu estava muito no instinto: “vou falar uma coisa aqui. Talvez seja legal, não sei. Vamos ver. Vou olhar para a cara das pessoas para ver se é legal”. Tem sido assim até hoje. E está me faltando, porque as vezes eu erro feio, falo umas besteiras feias. Então, o professor Ricardo Antunes sempre esteve nesse horizonte. Eu sou igual ao Ralf, aprendi pelas lives. Porque como fizemos muita live junto, eu já devo ter lido um livro do professor Ricardo de tanto que o escutei. E as lives sempre foram boas. Sempre teve uma sintonia muito boa nas lives entre mim e o professor Ricardo. Parecia até um jogo de futebol, um tocava a bola para o outro. Porque eu sentia que aquele trabalho se complementava. Porque eu não conseguia dar o tom acadêmico da coisa, e o professor Ricardo também não conseguia dar o tom que eu dava, do trabalho cru, mais instinto, que tem erros e tal, mas é o bruto da coisa em uma linguagem mais desse tempo. E era um toque de bola muito louco. Eu percebia isso. E eu também me senti protegido pelo professor Ricardo Antunes algumas vezes. Porque dentro desse meio tem muita gente que não vai te respeitar, ou porque você é pobre, ou porque você não fala direito, ou porque você é preto. Sempre vai ter alguma coisa para a pessoa não respeitar a sua ideia. E como minhas ideias sempre estiveram muito alinhadas com as do professor Ricardo Antunes, de certa forma eu me protegia nisso. Eu até já usei esse argumento: “o que eu falei o professor Ricardo já falou também, vai lá ver”. Então eu sempre vi dessa forma, como uma coisa que complementava. Preciso ler o professor Ricardo. Tive mais essa experiência com ele através das lives e até por telefone já batemos papo. Eu criei um movimento chamado Nação dos Trabalhadores e liguei para pedir conselhos para o professor

Ricardo: “o que você acha? É bacana?”, e tal. Então, ainda não tive um contato mais direto com o livro, preciso ter. Mas tive muito contato com o professor Ricardo através de outras situações.

**Claudia:** Vocês poderiam tratar um pouquinho da dimensão do racismo: “sou preto, sou pobre. A gente sofre discriminação”. Vocês sofreram algum tipo de racismo ou preconceito (de gênero ou LGBT)?

**Ralf:** Eu nunca passei nenhum preconceito, mas já vi muita coisa acontecer. Tenho dois exemplos bem fortes. A gente foi fazer a greve contra o aumento abusivo da gasolina e a reunião da greve era em uma comunidade do Rio de Janeiro às dez horas da noite. Até eu estava com medo de ir lá. Mas eu conhecia, então fui. Quando fui eu não encontrei o lugar e voltei, e a polícia me parou. Não me pediu documento, não me pediu nada, só perguntou o que eu estava fazendo ali. Falei: “vou participar de uma reunião contra o aumento abusivo da gasolina. A gente marcou aqui às dez horas, mas não estou conseguindo encontrar”. Nisso estava vindo do outro lado um amigo meu que é motoboy, o Gerson, e ele é preto. O cara apontou o fuzil para ele e mandou parar. Ele parou e o cara já foi para cima dele apontando o fuzil. Aí eu falei assim: “ele está comigo”, aí o cara foi baixinho nele e falou: “qual o nome dele?”, aí ele falou. E ele: “qual o seu nome?”, eu falei: “Ralf”. Mesmo assim ele fez o moleque descer da moto, o revistou todo, pegou a carteira, habilitação e tudo. Mesmo assim, ele passou a maior doideira lá nesse dia. E na outra, eu fui em um condomínio fazer uma entrega e um rapaz estava sendo barrado naquele momento. Ele também era negro e estava sendo barrado. O cara falou que ele não podia subir, que era para deixar ali. Ele teve que esperar, e esperou. Quando ele saiu eu consegui entrar facilmente e fui fazer a entrega. Porque aqui no Rio de Janeiro o cliente sempre quer a entrega lá. E a gente tinha medo de ser bloqueado nessa época, então a gente levava até o cliente. Ele não conseguiu entrar. Eu lembro até hoje, ele estava de chinelo e bermuda e o rapaz falou que ele não poderia por esse motivo. Pode até ser regra, mas ainda acho que é preconceito. Eu nunca trabalhei de chinelo e bermuda. Mas também tem situações em que às vezes fica bem complicado aqui no Rio de Janeiro. Não sei se em São Paulo é igual. Eu já cansei de ver motoboy que também pede para ser maltratado. Tem motoboy que vai trabalhar de chinelo, que vai trabalhar sem habilitação, que fuma maconha em qualquer lugar, fuma maconha na frente do estabelecimento, fica falando o tempo inteiro do crime organizado enquanto espera a entrega. Então, também tem a galera que nos queima um pouquinho. Mas é a minoria. A maioria não. Mas tem esse pessoal que as vezes impõe um certo medo. Passa uma mulher, mexem; passa uma criança, falam alguma coisinha. As vezes mijam na rua, pela dificuldade que temos de usar o banheiro; come e joga o resto da quentinha no chão. Tem a banda podre também que às vezes acaba ajudando na discriminação do motoboy. E tem casos isolados de racismo. Lá em São Paulo, pelo que sei, não precisa subir para entregar comida. Aqui no Rio de Janeiro tem que subir, em Goiânia também. Tive relato em live nossa do cara que pede

pra subir e está só de cueca quando sabe que é mulher – porque dá para saber pelo aplicativo. Uma menina, para conseguir um banheiro para usar tem mais dificuldade, porque muitas vezes é trancado e eles não querem dar a chave. Aqui a nossa dificuldade é a água. Ou o motoboy leva água, ou está ferrado. Motoboy não tem ajuda para carregar o telefone. O estabelecimento discrimina muito o motoboy. Alguns dão essa bobeira, dão motivo. Mas muitos não dão e mesmo assim acabam sendo discriminados. Mas mulher sofre muito no Rio de Janeiro em relação a cantada, até de outros motoboys. Sobe no prédio e o cara chama para entrar. Motoboy homem também sofre aqui às vezes, sobe no prédio e a mulher pede para entrar, dá em cima. Nunca aconteceu comigo, mas acontece. São mais essas coisas assim.

**Galo:** Nos entregadores antifascistas teve bastante mulher e teve gay, o pessoal LGBT. Porque era um movimento cujo nome já abrigava essa situação. E a gente estudou muito o cooperativismo. Porque quando começamos a pensar em cooperativismo, começamos a estudá-lo. Aí tivemos acesso a várias cooperativas do mundo, e uma das que mais nos chamou a atenção foi a Mensakas, da Espanha. É uma cooperativa que cresce com igualdade de gênero. Isso é regra do estatuto deles. Então a Mensakas era um norte dentro da nossa realidade. Então, a gente sempre foi muito desse caminho de ouvir a questão da mulher – no caso, mulheres pretas. Tem a Juliana nos entregadores antifascistas. A Juliana é mulher, preta, mãe solteira. Então tem toda aquela situação. Pelo que escuto das mulheres, o trânsito é difícil. Porque o trânsito já não respeita a mulher em cima de uma moto ou bicicleta. Já não respeita nem a bicicleta e nem a mulher, aí vira dois desrespeitos. A questão do banheiro para o homem é uma dificuldade, mas para a mulher é um inferno. A mulher vai parar na frente do estabelecimento para receber o pedido e tem um monte de homem junto falando putaria. É constrangedor para a mulher ficar ali esperando o pedido dela. “Ontem à noite eu fiz isso e isso, e aquilo”, e a mulher está ali ao lado esperando o pedido dela. Ou então ficar muito tempo na rua. Para o homem, voltar três horas da manhã para casa não é uma dor tão grande como é para uma mulher. E aí tem essas situações de preconceito. Eu, diretamente, sofri situações como essas que o Ralf falou. O Ralf usou o exemplo de urinar na rua. Uma vez eu fui urinar na rua, porque eu não tinha... uma vez fui pedir para urinar em um estabelecimento e o rapaz disse que não podia, e eu estava apertado. E é muito louco isso, você está preocupado com o pedido, não está preocupado em urinar. Urinar é quando o negócio bate na porta mesmo e não tem como. Aí eu encostei em uma parte mais escura de uma praça, e quando fui ver eu já tinha tomado um rodo do policial e caído em cima da minha própria urina. E era porque eu estava urinando. E eu sei que se o rapaz não estivesse com uma bag nas costas, se no lugar da bag fosse um skate, um cabelo liso, uma pele clara e olho azul, aquele rodo não teria acontecido. Porque eu entendo a mentalidade do policial, porque eu também convivo com eles aqui no meu bairro no dia a dia. E a mentalidade é: esse entregador que está com uma bag nas



costas, não vai ter ninguém. Quem é o pai ou a mãe dele? Agora, esse rapaz de cabelo liso, pele clara e skate na mão, talvez ele seja filho de um desembargador. Então, olha quem eu estou chutando. Não que eu não ache que falte vontade de dar chute em todo mundo, porque essa profissão é meio estranha. Então, tem esses tipos de preconceito, essas situações mais diretas. E tem as coisas indiretas. O que eu penso? Primeiro o que chega em mim é a consciência racial. Eu descobro que sou preto em determinado momento da história... porque isso é muito louco: você não tem a pele clara e não se vê, você está vivendo e aí alguém tem que te avisar no meio do caminho: “aconteceu isso porque você é preto”, “eu, preto? Não. Não pode ser”. E aí primeiro vem a consciência racial. Eu acabei livros da temática racial: Malcom X, Negras Raízes. E depois veio a consciência de classe. Hoje eu tenho a consciência de que raça e classe não são duas coisas diferentes. Quando falamos de raça e de classe, estamos falando do mesmo assunto. Então eu tomo muito cuidado para não desmobilizar essa ideia. Tem que tomar muito cuidado, porque muitas vezes essa ideia desmobiliza. Você vai falar sobre racismo no meio dos entregadores e o entregador branco fala: “não é a minha. A gente quer melhores taxas”. Aí você fala: “mas é a mesma coisa. É difícil de explicar, mas nós estamos falando da mesma coisa”. Ou seja, tem essa dificuldade. Eu acho que quando a coisa fica muito difícil a gente acessa o tempo, e o tempo nos ajuda. Como estamos falando do professor Ricardo Antunes, na questão do trabalho ele é um ótimo marcador do tempo. Ele faz uma transição muito louca da coisa e entrega isso. Hoje eu busco esses intelectuais brasileiros. Por exemplo, tenho ido muito atrás do Milton Santos. Ele já falava de uberização sem usar essa palavra, óbvio. Não tinha Uber na época. Ariano Suassuna, Paulo Freire – eu canso de usar Paulo Freire. Se o Paulo Freire fosse uma borracha, eu teria que comprar outra. Então, Paulo Freire, Ariano Suassuna, Milton Santos, Lélia Gonzalez, Patativa do Assaré, esse pessoal que eu busco, porque quero estar conectado com a minha realidade. Eu também vou atrás do Marx. Por exemplo, a primeira vez que ouvi o Gramsci, alguém falou assim: “o Gramsci escreveu sobre você”, aí eu fui atrás. Então eu também vou atrás desses nomes, mas dou prioridade para o que está perto daqui, porque o que está perto vai entender melhor aqui. Por exemplo, o Marx não vai entender mais de trabalho no Brasil nesse tempo do que o professor Ricardo Antunes, na minha opinião. Eu falei isso e o professor Ricardo Antunes falou: “ô loco, Galo”. Mas é verdade. Quem vai entender melhor? Quem está mais de olho, quem está mais atento, quem está mais aqui? O Marx não viu isso aqui. Logicamente que Marx é uma coisa englobada do mundo. É um gênio que falou sobre isso aqui de alguma forma indireta aqui ou ali. Tem um negócio do Marx que eu já estudei que é o trabalho por peça. Ele falou disso em alguma coisa, mas não vai entender melhor que o professor Ricardo, ou que o Milton Santos. Não vai entender melhor do que os nossos intelectuais brasileiros – e vou me colocar nisso também: não vai entender melhor do que o Galo, não vai entender melhor que o Ralf, porque somos o conjunto da obra. Estamos

juntos na caminhada. Então, eu vejo dessa forma. Sobre a questão da mulher diretamente, quando comecei a ouvir a palavra “uberização” e fui ver o que significava, eu já falava sobre a ideia, mas não entendia a terminologia. Eu já tinha uma consciência. Porque na minha família muitas mulheres trabalharam com Avon e Yakult. Então você pegava uma revistinha da Avon, e se vendesse você ganhava. Ali já tinha a empreendedora de si mesmo. Eu vi minhas tias trabalhando vendendo Avon de porta em porta. Aí se vendesse, ela ganhava. Se não vendesse, não ganhava. A uberização já estava ali. Lembro que comecei a falar de uberização nas lives quando aprendi o termo e meu pai falou: “eu sei o que é uberização. Também já fui uberizado”, eu falei: “mentira”, ele falou: “já fui”. Meu pai é bom, ele é um intelectual foda também, mete cada uma... uma vez ele foi me explicar a propriedade privada de um jeito que eu uso até hoje. Ele falou: “eu sei qual o problema da propriedade privada”, e com a arrogância de jovem eu disse: “fala aí então”, e ele: “a propriedade privada é igual passarinho. O passarinho é dono do galho? Não. Ele se sente dono do galho? Não. Então ele é dono de todos os galhos. Ele pode pousar no galho que ele quiser”. Propriedade privada é isso mesmo. Eu acabei de ler um trecho da Maria Carolina de Jesus em que ela fala uma coisa que marcou sobre a favela. Favela não é uma coisa para a gente melhorar. Favela é uma coisa para ser extinguida. O projeto favela não deveria existir. E tem muita gente trabalhando para melhorar a favela. Tem gente que faz *tour* na favela, coloca um monte de gringo no carro e vai dar role pela favela como se as pessoas fossem papagaios, macacos, periquitos, para mostrar a pobreza e falar: “olha aí como esse povo sofre”. Tem um debate da Maria Carolina que fala assim: “o que você acha do Lacerda?”, aí as pessoas falam: “o Carlos Lacerda não é bom”, “e o Vargas? E o Jânio Quadros?”. Tem esse debate, aí a Maria Carolina fala: “a gente precisava de um político que pensasse em extinguir a favela”. Eu achei isso incrível. Porque é isso. Porque só falam: “vamos fazer o povo voltar a comer picanha”. Precisa de mais. Então eu já tinha a noção de que as mulheres já eram uberizadas na questão da Avon e da Yakult. “Uberização” é só porque a Uber escancarou essa situação, mas isso é uma coisa que vem de antes. Eu já tinha essa noção pelas minhas tias que trabalhavam com Avon e com Yakult. O pessoal do bairro aqui trabalha com essa situação. No que eu acredito hoje? Vou usar a Maria Carolina de Jesus de novo. Ela falou que a melhor invenção do homem é o livro. E acho que *O Capital*, do Marx, que os livros do Paulo Freire, do Ricardo Antunes e que isso que estamos conversando aqui está gravado na carne do trabalhador. Por que o Ralf, que é de uma situação diferente da minha de acessar as coisas, olha para o Ricardo Antunes e fala: “esse cara é foda”? Porque já está na carne dele. O que o Ricardo Antunes estava falando já estava na carne dele, ele só ajudou a trazer à flor da pele. Essa consciência, essa inteligência e intelectualidade já são... o Ralf é um intelectual da melhor qualidade. Eu acredito muito nisso, que a coisa está gravada na carne do trabalhador. Porque o sofrimento é isso. Uma vez em um papo com o Ralf eu falei: “a coisa é desunida porque eu penso assim, o outro

pensa assado”. Mas no final do dia todo mundo está preocupado com o filho e em levar o filé de fígado para casa, não é isso? É isso que tem que nos unir. Não é uma coisa que pensamos aqui ou ali. O que tem que nos unir é o sofrimento que temos em comum. É isso que vai nos colocar do mesmo lado no campo de batalha. Se um pensa assim ou assado, beleza, vamos respeitar como cada um pensa. Mas, vamos respeitar a coisa mais importante, que é o que estamos sofrendo no dia a dia. Eu e o Ralf já trocamos muito essa ideia. Então, sobre a questão do preconceito, acho que tem o preconceito da raça, do gênero e da classe. Se você for preto e tiver uma bag nas costas, você tá fodido. Se você for branco e tiver uma bag nas costas, você está menos fodido do que o preto, mas não significa que você não tá fodido também. Você também está fodido. Você vai passar por situações. O segurança vai te barrar na entrada do shopping e falar: “assim você não pode entrar”. Sendo branco ou não. Só se for aquele perfil, o Bruno Gagliasso ou o Brad Pitt, aparecendo de bag nas costas, aí o segurança fala: “esse cara é muito gato. Deixa entrar com bag, com enxada, com o que ele quiser. Eu gostei desse perfil”. Só se for assim. Porque se for com essa cara de paraíba raivoso aí do Ralf, vai ser parado na porta do shopping. Porque tem essa coisa da raça, classe e gênero. E aí temos que encontrar uma coisa para fundir essas situações e entender. Por exemplo, isso que o Ralf falou é da hora: “eu não sofri o preconceito”, ou talvez em momentos em que ele não enxergava que era preconceito e passou por cima, passou rápido de moto e não viu. “Mas eu já vi o cara mais negro sentir o preconceito”. Olha a importância de ter essa noção. Eu tenho consciência que o cara mais escuro que eu vai passar por dificuldades muito maiores que eu. E temos que encontrar formas no campo de batalha de entender essas dores. Gay, preta, mulher e com a bag nas costas, meu Deus do céu. Não consigo nem imaginar. Então a coisa vai se intensificando conforme a marca vai aumentando para as pessoas. Qual é a marca? Preto é a marca? Mulher é a marca? Gay é a marca? A bag é a marca? A moto? Conforme mais marcas, mais você vai se fodendo na situação. Então, sobre o preconceito é isso que eu tenho para falar. Tão confuso quanto a situação do Brasil.

**Claudia:** Galo, você traz essa questão do salário por peça do Marx. E a tendência quando você é autônomo e tem seu carro, moto ou bike e está trabalhando para si mesmo. Como você se aproximou desse conteúdo?

**Galo:** É uma coisa que eu sempre comento quando faço as lives e que bebi no Ricardo e no Marx. Na verdade, a gente não é o patrão de si mesmo, não somos empreendedores. A gente é o proletário de si mesmo. Ou seja, somos os empregados de nós mesmos. Porque se você adocece, não tem proteção nenhuma. Você não ganha o suficiente para ter um convênio médio, ou para ficar abrindo previdência para poder ficar tranquilo quando você se machuca ou adocece. Então, essa é uma enorme mentira. Quando você falou que tinha uma banquinha de churrasquinho e tal, “eu faço a minha hora, faço isso

e aquilo”, faz porra nenhuma. Você tem que fazer na hora que sabe que vai ter mais movimento. Não adianta trabalhar das oito ao meio-dia se o movimento maior é das seis à meia noite. Então você também tem que entrar em um sistema. E na verdade você é o proletário de si mesmo. O Marx já falava isso, e o Ricardo também fala isso. Aí eu entrei nessa também e estou falando.

**Claudia:** O que vocês pensam sobre as mulheres uberizadas?

**Galo:** Você me perguntou sobre a questão das mulheres. É muito difícil para o homem machista entender muitas dessas coisas. Porque não passa pela situação, não vai entender. Vai passar por cima da dor das pessoas sem entender. Uma das coisas que aprendi é que o útero de uma mulher pobre em um país de terceiro mundo é uma fábrica de trabalhador, não é um útero. Nós já nascemos vendidos. O sistema capitalista precisa de trabalhadores. O sistema capitalista não precisa de um engenheiro. O cargo de engenheiro já está sendo ocupado pelo filho dele, pelo filho do amigo dele. Ele precisa de um motoboy, de um mecânico. Aí o cara nasce, quer ser um jogador de futebol e falam: “não, de jogador de futebol já tem o Neymar. A gente precisa de um cobrador de ônibus”. Tanto que essa coisa do proletariado remete à prole. Por isso que acho que as coisas estão interligadas: raça, classe, gênero e trabalho. A coisa está interligada de uma forma que se você desassociar, não conserta o problema. Se você falar: “isso aqui não é problema nosso. O problema da raça não é problema dos motoboys. O problema da mulher não é problema nosso”. Vamos fazer um debate no meio dos motoboys sobre o útero. Por quê? Porque você saiu de um! Tem que começar o debate lá no começo. Hoje eu tenho muita ciência sobre isso aí. O que estamos fazendo não é para hoje. Eu acompanhei cada evolução minha e do movimento dos entregadores. Cada evolução que você falava: “impossível. Isso não vai dar certo”. E hoje aquilo parece um passado tão distante. Certas dificuldades parecem um passado distante do que é agora. Então, acredito muito nisso. Ter paciência. Essa frase da Maria Carolina de Jesus: “a melhor invenção do homem é o livro”, é isso. Tudo que demora tempo para fazer sai bom. Tem bastante coisa para tirar. Porque essa coisa da velocidade que o capitalismo propõe, essa coisa acelerada, é para não nos deixar ver. Eu falo que o capitalismo é esse trem bala que não nos deixa ver as coisas. A vida parece um borrão. Você não enxerga a vida, não entende nada. É quando aparece uma pandemia que o trem tem que frear, todo mundo tem que ir para dentro de casa e as pessoas começam a enxergar e falar: “opa, está uma merda”. Isso que o Ralf fala para mim é muito importante. Foi na pandemia que a coisa ficou louca. Não dava para enxergar antes da pandemia. E é isso, porque o trem para, a vida deixa de ser um borrão e você fala: “isso aqui está errado”.

**Ralf:** Em relação à autonomia, nós não somos autônomos. Nós somos os falsos autônomos, porque a gente não coloca preço em nada, somos bloqueados e não tem defesa, as plataformas mexem no

algoritmo para reconhecer mais ou menos a sua meta e te libera valores até meio dia de forma que você não consiga bater a meta, para te dar mais um pouquinho à tarde e à noite, para te fazer ficar o dia inteiro. Nós não temos autonomia de ir e vir a hora que quisermos, de parar a hora que quisermos. Por exemplo, na chuva eles botam as promoções. Na tempestade tem incentivo: “na tempestade ganhe mais dez reais”, colocando sua vida em risco, sabendo que o entregador fica o mês todo recebendo uma miséria e ali é a chance de ele conseguir lucrar um pouco mais para tirar a falha dos valores que ele recebeu a menos. Então, ninguém é autônomo em relação a aplicativo. É uma falsa autonomia. E hoje em dia quando alguém fala que é autônomo eu consigo perceber isso da falsa autonomia. Quem manda são as plataformas.

**Caio:** Alguma música que vocês acham que tem a ver com a luta, com a vida, com a história de vocês?

**Ralf:** Sinceramente eu não escuto música, então não tem nenhuma que represente a minha luta. Acho que o Galo vai ter uma palavra mais forte nisso, porque o vi em um show do Racionais em uma live. Eu estava no fórum dos entregadores e estava passando a tua live no fórum. Os caras do Ifood colocaram tua live com os Racionais.

**Galo:** O Ifood colocou a live do Racionais para vocês verem?

**Ralf:** Não colocou para a gente ver. Depois que as reuniões acabaram, todo mundo comentou: “está tendo a live do Galo”. Todos os entregadores estavam comentando que ia ter a live do Galo com o Racionais.

**Galo:** É muito louco. Eu tenho aprendido essas coisas. Mais difícil do que lutar contra o capitalismo é lutar contra o que o capitalismo trabalha para produzir: a sofisticação do capitalismo. Tem uma frase do Ariano Suassuna que eu adapto: “o imperialismo não vai mandar os tanques se puder mandar a Beyoncé”. Ele vai mandar a Beyoncé, é mais limpo e mais prático. A conversa que tive com o Luciano Huck, por exemplo, foi uma das coisas mais absurdas da minha vida. Eles acham que somos burros e não conseguimos perceber nada por debaixo das camadas. Eles acham que a gente só consegue perceber o que está em cima da camada e debaixo da camada nós não percebemos nada. E os caras são sofisticados. O Fabrício Bloisi, o CEO do Ifood que estava lá, eu canso de chamar ele para o pau, para um debate ao vivo na internet e ele não vem. Os caras não me convidam para o fórum, mas colocam a live lá. Como eles são sofisticados. Na CPI eles mandaram um representante do Ifood, era um cara preto de dread. O cara se aproximou e falou: “Galo, muita admiração”, eu falei: “ei, negão traidor, o que você está fazendo aí?”. Aí ele já se tocou. Ou seja, os caras são tão sofisticados que pensam assim: “como a gente acessa, como a gente coopta?”. Porque eu já aprendi isso. O pessoal que não chegou a entender essa situação acha que você vai ser cooptado por malote de dinheiro, ou

que você será comprado com uma situação muito aparente, muito escancarada. E não é. A coisa é sutil. Eles vão te comprando, te convencendo com a sutileza, aos pouquinhos. Dá para ser antirracista e capitalista também? Não dá. Dá para ser a favor da luta das mulheres e ser capitalista? Não dá. Uma coisa está introjetada na outra. Uma maldade depende da outra para funcionar. Então isso para mim é muito louco, as formas de sofisticação. Tentaram me cooptar de tantas formas sutis, por tantos caminhos, pelos caminhos mais improváveis. E aí eu volto na frase do Ariano Suassuna: o imperialismo não vai mandar os tanques se puder mandar a Beyoncé, e o Ifood não vai mandar o João Amoedo se puder mandar o Emicida. Ou seja, eles são sofisticados. Por exemplo, o Emicida tem o rap do Motoboy em parceria com o Ifood. Não estou condenando o Emicida aqui, porque é uma coisa muito antiga. Mas, como eles são sofisticados, já tinham um plano. Há pouco tempo eles quebraram o contrato com o Flow Podcast porque o Flow Podcast foi racista. Sério que o Ifood está preocupado com o racismo? Para de bater a chibata nas costas dos pretos então. Tem que tomar cuidado com essas coisas, porque é nessas armadilhas que a gente cai. Porque parece que o liberal é um amigo. Parece que essas ideias liberais são nossas amigas e a gente acaba caindo. Essa ideia de que você é empreendedor de si mesmo já vem de uma ideia liberal. O Ifood está pronto para lutar contra o racismo, contra a homofobia, só não está pronto para lutar contra a exploração dessas pessoas. Então tem que tomar cuidado com essas situações. Música: é a música que me traz até aqui.

**Claudia:** Foi o hip-hop, não é?

**Galo:** Através do hip-hop, do rap. E Racionais foi sempre o que me levou a muitas coisas. Agora, se formos falar sobre consciência de classe, da coisa mais bruta, na época eu acessei um grupo chamado Clã Nordestino. Esse grupo foi um marco na minha vida. Porque eu descobri tantos segredos naquele grupo... o Racionais me levou até o Clã, que me levou a outras situações e tal. Clã Nordestino é um pessoal que já se intitulava como rap comunista no final dos anos 1990. Já falava sobre luta de classe, imperialismo e um monte de coisas que não chegam na favela, na periferia. Atualmente eu concordo que tenho me transformado em um velho e escutado música antiga. Eu gosto de música antiga. Mas gosto de uma coisa atual, que é o MC Hariel, e acabamos ficando amigos por causa do caso do Borba Gato. Ele tem uma música chamada *De História em História*. Acho que ela dialoga muito bem com esse tempo e com as ideias. É muito difícil de fazer o que ele fez. Mesmo não sendo tão profundo quanto o Clã Nordestino, é profundo demais. O Hariel é jovem, tem 22 anos. É desses funks que estão explodidos por aí. E nessa música chamada *De História em História* ele trabalha o tema da luta de classe de uma forma que poucos conseguem. Então eu colocaria essa música. E arte, vocês sabem que consideramos o Borba Gato como arte, não é? Então arte que dialoga muito com o futuro é essa aí. A gente fica dialogando muito sobre isso aqui também. O que

essa imagem do Borba Gato vai gerar daqui dez, 20 anos? Muita gente vai se informar. Tem que acontecer umas coisas radicais. Eu tive que ver um rapper xingando a polícia na rádio em uma época que a polícia matava a torto e a direito. Era radical demais fazer aquilo ali, xingar a polícia em uma rádio. Então, essas coisas que marcam o tempo que vão formando as pessoas. Porque eu acredito muito nisso. Eu não consigo mudar a sua opinião. Não tenho o poder de te contar uma verdade e ela mudar a sua opinião. Você escutou tanta mentira que essa verdade não vai bater tanto. Você vai precisar ouvir a verdade de mim, do professor Ricardo, do Caio, da Claudia, do Ralf... vai precisar ouvir várias vezes para ela conseguir se equiparar a esse mundo de mentiras que vivemos aqui. Porque se tem uma coisa que o capitalismo fabrica é essa coisa que parece ser. Parece que estamos saudáveis, mas não estamos. Você olha para mim e parece que estou saudável. Com o tanto de açúcar que ingeri hoje, será que estou saudável mesmo? Você olha e parece que somos livres. Será que somos livres? Então o capitalismo fabrica essa falsa realidade do parecer ser. Quando de repente aparecem essas coisas que te trazem para a realidade... Você está lá, as moças carregando bebês, o carro passando, os passarinhos voando, um domingo de sol, e do nada o Borba Gato queima; do nada uma greve dos entregadores surge; do nada um caso de racismo. Essas coisas têm o poder de te trazer para a realidade mesmo, que é feia. “Está vendo?”. Pandemia: “Está vendo?” Essas coisas têm o poder de te trazer para a realidade. As pessoas me perguntavam: “você acredita em Deus?”, e eu era muito sincero: “tem dia que acredito e tem dia que não acredito”. “Mas como que funciona?”, “se eu cair de moto eu vou trocar uma ideia com Deus que você não está ligado. Se eu estiver fodido e cair de moto, ligo para Deus na hora. Agora se eu estiver na beira da piscina com uma garrafa de cerveja e o jogo do Corinthians passando na TV, eu nem dou bola para Deus”. Sou assim, esse ser humano imperfeito e estranho. Então tem certas coisas que precisam te trazer: “volta para a realidade e veja quanta merda que tem”. E cada um tem uma. E acho que a arte é muito boa para fazer isso. Lembro que a primeira vez que vi que o Banksy queimou a obra de arte dele, que aí o negócio tomou uma proporção, eu fiquei com aquilo na cabeça: vira mais você destruir a arte do que fazer a arte nesse tempo aqui. Nesse tempo está valendo mais você destruir a própria arte do que expor. Que coisa maluca como as coisas que acontecem te trazem para uma situação e você começa a enxergar a coisa. Então, acho a arte muito poderosa em vários sentidos. Eu estava escutando o João do Vale hoje, ele tem a Carcará. Eu gosto do Carcará. E o que conecta mais com esse tempo é a música do Haniel, *De História em História*.

**Claudia e Caio:** Para encerrar nossa entrevista, vocês poderiam resumir em uma frase: quem é o Ricardo Antunes para a luta dos/as entregadores uberizados/as?

**Ralf:** Desistir nunca, render-se jamais.

**Galo:** O Ricardo Antunes é um ótimo marcador do tempo quando a questão é o trabalho no Brasil nesse tempo aqui. Não tem como estudar o que está acontecendo com o trabalho sem passar pelo Ricardo.

**Caio:** Galo e Ralf, muito obrigado por aceitarem participar desse bate papo.

**Claudia:** Muito obrigada. Força e luta. Estamos todos/as juntos.

**Ralf:** Valeu.

**Galo:** Valeu pessoal.

## Notas

<sup>1</sup> EAR é a sigla de Exerce Atividade Remunerada, inscrição que deve constar na Carteira Nacional de Habilitação de condutores que trabalham com transporte.

<sup>2</sup> Agrupación Trabajadores de Reparto, coletivo de entregadores/as.

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=ttciccleolg>

<sup>4</sup>Foi de fato nessa live que se deu o primeiro contato entre Ralf e Ricardo.